



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

O MITO DO HERÓI: MAS QUE HERÓI?

Solange Maria Pitombeira de Lima, lostip.art@gmail.com
José Maximiano Arruda Menezes de Lima, Maximiano.arruda@gmail.com

RESUMO: O mito do herói está presente nas mais variadas civilizações humanas, o mitólogo Campbell relaciona esse mito com o período da adolescência, ele defende que assim como o herói, o jovem também está saindo numa jornada heroica, foi essa ideia chave que guiou a estruturação do projeto. Como professora, nas aulas práticas de ilustração (disciplina optativa da escola de tempo integral do estado Ceará), percebi que os heróis que os alunos conheciam, em sua maioria, pertenciam a outras culturas. Existe uma forte influência americana, europeia e até nórdica, mas pouco se fala dos heróis brasileiros. Pretendo, com esse projeto, desconstruir a imagem que o aluno do ensino médio possui de herói, que tem forte influência externa. Através do contato com heróis, afro-brasileiros e indígenas. Essa desconstrução ocorrerá com práticas que tem por finalidade o aprendizado de técnicas de desenho e pintura e a criação de um herói por cada aluno, nas aulas de disciplina optativa de arte (ilustração), do primeiro ano, em escola de tempo integral do estado. O esperado é que esse herói criado seja um representativo simbólico do adolescente. Usarei como referencial teórico o mitólogo Campbell, o psicanalista Jung, o antropólogo Darcy Ribeiro e a artista Fayga. A pesquisa será em ensino de arte, o método será hipotético-dedutivo, o tipo de pesquisa etnográfica, experimental e a abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Ensino de artes visuais. Herói. Adolescente.

INTRODUÇÃO

Sempre gostei de ler histórias, de qualquer tipo, e esse foi o motivo que me fez começar a desenhar, queria dar vida às coisas que imaginava. Desde cedo eu lia histórias de heróis porque eram de fácil acesso, por serem baratas e fáceis de encontrar em bancas de revista. Grande parte do meu estilo artístico e escolhas de vida foram moldadas por esse gosto, e isso se refletiu nos meus estudos, trabalhos e na ideia desta pesquisa. Formei-me há alguns anos em Artes Visuais. No meu trabalho de conclusão de curso, pesquisei o mito do herói e desdobrei numa prática artística de criação de personagens. Levei para sala de aula imagens e animações de personagens heroicos, antigos e atuais, havia a contextualização e, a partir disso, era proposta uma prática de desenho e pintura. Quando me tornei professora de arte no governo do Estado do Ceará tentei replicar numa prática



mais elaborada, que acabou se tornando o embrião deste projeto de pesquisa. Isso foi possível porque se encaixou nas mudanças do ensino médio, nas quais as escolas devem, até 2022, tornar-se de tempo integral. Parte da carga horária, nesse contexto, é distribuída em disciplinas optativas, de duas aulas, e que são criadas pelo professor (BNCC¹, 2016). As minhas referências de heróis durante a infância e adolescência eram todas moldadas por personagens de outros países que eu via em animações na TV e perceber que depois de tanto tempo essa realidade continua a mesma é decepcionante. Foi dando aula que essa percepção ficou clara, que a visão a qual o adolescente tem de herói é ainda ligada aos personagens norte-americanos que aparecem nos filmes, nas revistas em quadrinhos e em capas de caderno. Pouco se sabe e se fala sobre os heróis que fizeram parte da nossa história, e quando fala, há uma visão eurocêntrica, ignorando ou dando menor importância a heróis afro-brasileiros e indígenas. Mesmo que as histórias de heróis estejam ligadas a uma mitologia que a princípio parece fantástica, o trabalho tentará usar referências de histórias reais e fictícias que sigam a estrutura geral do mito do herói, conhecida como monomito (partida, iniciação e retorno)².

JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

A proposta tenta juntar dois pontos, a criação artística e a mitologia heroica numa atividade artística que possa instigar o aluno a se perceber como parte integrante de um processo histórico que o gerou e que, ao mesmo tempo, pode ser transformado por ele. Sobre o primeiro ponto, é importante deixar claro que existem várias dimensões do saber que envolvem o corpo, emoção, sentidos e sensações, que se mostram na arte, que vão além da racionalidade cartesiana na qual está inserido o sistema de ensino tradicional. Geralmente, a escola nos mantém analfabetos funcionais em tudo que não seja dimensionado pela escrita e linguagem oral. Mesmo que na Base Nacional Comum Curricular (2016) fique clara a importância desses outros saberes, na prática, a carga horária destinada a eles ainda é aquém do esperado. Este projeto tenta mudar de alguma maneira essa realidade. Em relação às histórias que envolvem a mitologia heroica, existem as repetições de características semelhantes nas várias épocas e lugares. Nossa memória imagética, como povo, se preserva e continua, além do tempo, da sua proibição, da perseguição e destruição. No entanto, essa memória vai se transformando, ela é, podemos dizer, mitológica. A nossa mitologia (LÉVI-STRAUSS, 1997). E é nesse movimento entre arte e mitologia que pretendo “desenhar” a pesquisa, corroborando com o

¹ Base Nacional Comum Curricular/Educação é a Base, 2016.

² O monomito foi criado por Joseph Campbell, um conhecido mitólogo americano. Ele percebeu essa estrutura de repetição em diferentes culturas, então criou o modelo que foi copiado posteriormente em alguns filmes, como os de George Lucas.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

que diz Campbell. “Os mitos estão tão intimamente ligados à cultura, a tempo e espaço, que, a menos que os mitos e as metáforas se mantenham vivos, por uma constante recriação através das artes, a vida simplesmente os abandona” (CAMPBELL, 1991, p. 72). Para ajudar no entendimento da posposta geral do projeto, separei algumas relevâncias que são importantes citar: A relevância didática se mostra pela tentativa pioneira frente às mudanças curriculares atuais, que abrem novas portas para a criatividade do professor dentro de estruturas pouco maleáveis. Muitas vezes, o educador se torna reproduzidor dos conteúdos do material didático devido às questões estruturais. A relevância social se apresenta pela importância dos povos indígenas e negros para a nossa constituição como povo. A relevância artística se dá pela prática, que não será voltada para aprendizados quebrados, de estudos de cor, desenho, antropológico, mitológico, mas sim um aprendizado global voltado para a criação e com objetivos estabelecidos (mas não engessados) desde o início. Apesar da vasta abrangência temática, tentei delimitar os questionamentos que guiarão esse estudo: Como verificar se as aulas práticas usando heróis índios e negros influenciarão o processo de criação de heróis pelos alunos do ensino médio? Quais os procedimentos usados nos processos de criação dos heróis para entender como as referências de heróis índios e negros pode se mesclar à bagagem cultural do aluno? Quais imagens e/ou discursos que poderão surgir durante as práticas voltadas para criação do herói pelo aluno? Quais os desafios enfrentados pelo aluno durante as práticas voltadas para criação do seu herói?

PROBLEMA

De que forma a mitologia heroica presente nos mitos indígenas e negros podem se mesclar à bagagem imagética dos alunos do primeiro ano do ensino médio para que eles possam criar uma estrutura de herói mais próxima de sua realidade?

OBJETIVOS

OBJETIVOS GERAIS

Verificar se as aulas práticas usando o repertório imagético e histórico de heróis índios e negros influenciam o processo de criação dos heróis pelos alunos do ensino médio.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever os procedimentos empregados nas aulas de criação dos heróis para entender como as referências usadas de heróis índios e negros podem se mesclar à bagagem imagética dos alunos.

Investigar as imagens e/ou discursos que podem surgir durante as práticas voltadas para criação dos heróis pelos alunos.

Identificar os desafios enfrentados pelos alunos durante as práticas voltadas para criação dos heróis.



HORIZONTE TEÓRICO

É importante deixar clara a trajetória da arte dentro do currículo, porque o presente trabalho irá ocorrer graças a esse aprofundamento e afirmação da arte na educação básica, que gerou um momento de novas possibilidades para os professores. O ensino de Arte foi incluído no currículo escolar com a Lei nº 5.692/71, como Educação Artística, mas era considerado atividade educativa e não disciplina. Já na LDB de 1996, Lei nº 9.394/96, a Arte passa a ser considerada uma disciplina obrigatória em toda a educação básica. Com a Lei nº 13.278 de meados dos anos 2010, o ensino de Arte teve seus conteúdos divididos em artes visuais, dança, teatro e música. Nesse momento a Arte se tornou componente curricular obrigatório. Colocar aqui o que está no balão. Em 2017, com a Lei nº 13.415, o ensino médio passou por uma reforma, transformando o ensino em tempo integral, então, as disciplinas foram divididas em obrigatórias e opcionais. “Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BNCC, pag. 14, 2016). O que apresentei acima foi o trajeto temporal da Arte como disciplina, reconhecida legalmente, fato que me permitiu hoje poder desenvolver este projeto, que estará inserido dentro das duas aulas opcionais semanais. Além das questões que envolvem a arte dentro da educação, é importante falar também do reconhecimento dos conteúdos da cultura afro-brasileira e indígena como assuntos obrigatórios no ensino fundamental e médio. A Lei nº 11.645 fala sobre a obrigatoriedade das temáticas que dizem respeito à cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, os conteúdos referentes “à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras” (LDB, 1996/2008). A Arte, a cultura afro-brasileira e indígena se encontrarão em toda a aplicação prática do projeto, afirmando-se como conteúdos que devem ser valorizados na educação básica. A maioria dos alunos que frequenta a escola pública vem de ambientes violentos, de briga de facções, de fome, desemprego e as expectativas que eles têm para o futuro são de continuidade e não de mudança. Grande parte dos alunos vive de maneira precária, recebe subsídios do governo e depende da merenda escolar. Em todas as turmas que dou aula há algum aluno que foi detido, ou morto, ou que conhece um colega que passou por situações desse tipo. No geral, a violência acontece como é relatado pelo



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará – LEV/UFC, ³“São acertos de conta, são crimes relacionados ao varejo da droga, há rixas. São centenas de milhares de crimes que não são investigados, que não são tratados pelo poder judiciário e isso passa a ideia de que eu posso matar e, de certa maneira, ficar impune” (PAIVA, 2018). Essa situação é a mesma de antes, de séculos atrás, a tensão é constante e as disputas por territórios são sangrentas. E essas duas realidades se misturam, o presente e o passado, como um rastro de criação histórica, mas que também pode ser artística. “Quem entende o tempo como linha reta acredita que fatos ocorridos ficam no passado, que as lutas de outrora dizem respeito a configurações de outrora e que cada momento exige uma análise radicalmente específica, como se estivéssemos a lidar sempre com o que não é fruto de retornos e repetições” (SAFATLE, 2018). O movimento do tempo não funciona desta maneira reta e cronológica, e todas essas experiências, do nosso passado histórico, continuam em nós. Estamos ligados diretamente aos povos que há alguns séculos habitavam este território, uma ligação que é genética e cultural. Como narra Darcy Ribeiro em seus diários, *genética* porque “umas 200 mil mulheres índias foram prenhasadas para gerar o primeiro milhão de brasileiros. Por um imperativo genético, nós continuamos esse caldeamento, enriquecido pelo sangue negro e europeu” (RIBEIRO, 2004, p.12). Um caldeamento que não foi pacífico. E *cultural* porque foi por intermédio da experiência indígena que coseguimos resistir aqui, foi por meio da “sabedoria milenar de adaptação à floresta tropical” (RIBEIRO, 1996, p.12). E isso volta, retorna, como uma maré, “O tempo histórico é uma pulsação contínua de contrações, sua espessura é própria de uma matéria de múltiplas camadas na qual cada uma dessas camadas se afunda na outra. Por isso as lutas sociais nunca são feitas em nome apenas daquilo que elas imediatamente afirmam. A todo momento, elas são atravessadas por palavras e frases que parecem vir de outros tempos; elas parecem encarnar personagens e gestos que nos remetem a outras cenas.” (SAFATLE, 2018). A violência no nosso território nunca foi descontinuada, ela só passou por narrativas e pontos de vistas diferentes no decorrer dos séculos. Compreender e dar a isso uma vazão artística é uma maneira de tentar compreender, agregar e ressignificar. A relação entre o momento de passagem do adolescente para vida adulta e a história do herói tem uma série de semelhanças, e isso será explorado neste projeto, pois, embora o adolescente não tenha consciência disso, esse mito representa quem ele é temporalmente. De acordo com Jung (2002), enquanto o jovem é convidado a cruzar seus limites

³“O LEV nasceu do trabalho desenvolvido por professores e estudantes da Universidade Federal do Ceará ao perceberem a necessidade de construir, no espaço acadêmico, um local que abrangesse estudos aprofundados sobre as temáticas de violência, conflitos sociais, direitos humanos e cidadania.” (LEV, 2013)



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

físicos e psicológicos e a se tornar um adulto, com todas as responsabilidades que esse título carrega, o herói mergulha em sua aventura, na qual tem que provar sua força e derrotar vilões que ameaçam ele e a humanidade. “A primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções” (CAMPBELL, 1997, p. 12). Os dois, tanto o herói quanto o adolescente, estão entrando, como foi dito anteriormente, na mesma zona desconhecida, mas que não pode, e não deve ser ignorada. Mais do que falar sobre a mitologia heroica é deixar que os alunos entendam que podem se apropriar desse arquétipo e transformar a própria vida e o contexto social, que é de pobreza e violência. É deixar que eles se reconheçam nesses mitos de heróis indígenas e afro-brasileiros e percebam que as histórias de heróis são algo que estão presentes em vários povos e vão além de como se apresentam hoje no imaginário popular.

METODOLOGIA

O pretendido é a de criação de um herói por cada aluno. As aulas práticas acontecerão numa disciplina optativa de Ilustração, que possui duas aulas semanais, no período do primeiro bimestre de 2019, ao total serão dezesseis horas/aula, a turma terá quinze alunos. Sobre os materiais utilizados, serão lápis 2b, borrachas plásticas, folhas de papel sulfite A4, tinta guache (Azul, vermelho, amarelo, preto e branco) e pinceis de espessuras variadas. A primeira atividade proposta será a criação de um herói, esse primeiro servirá como marco inicial, a métrica. Mostrando como o aluno representava o herói, antes das experimentações nas aulas. Os estudos da cor e do desenho anatômico seguirão por desenho e pintura de observação de imagens, oferecerei a turma um total de quinze imagens, oito retiradas do livro Diários Índios (Darcy Ribeiro) e de índios Tremembé e sete de quilombolas. Ao final de cada aula pedirei um relato semiestruturado (responda a pergunta: “O que você tentou representar na imagem criada?”). Ao término do período prático total, as testagens e os heróis finalizados serão expostos na escola. A coleta de dados será realizada por intermédio da observação da prática artística dos alunos. Os dados serão coletados em forma de imagens, vídeos, escritos ou áudios e ao fim serão analisados na sua totalidade a luz do aporte teórico, da educação, antropologia, processos criativos, símbolos e estética. O projeto de pesquisa está inserido nas práticas educativas em Artes Visuais, na forma de pesquisa em ensino de Arte, “pesquisa em arte é aquela realizada pelo artista-pesquisador a partir do processo de instauração de seu trabalho”. (REY *in* BRITES & TESSLER, 2002, p.125). A pesquisa na sua totalidade seguirá o método Hipotético-



Dedutivo. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, usarei a etnografia, que é uma vertente da pesquisa qualitativa, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV, 2013, p. 70). A prática (coleta de dados) será um processo de testes onde os alunos aprenderão técnicas de desenho e pintura para aplicá-las na criação de seu herói final. Usarei, nesse momento, a Abordagem Triangular da Ana Mae. Segundo Amaral (2010), a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa foi a metodologia mais utilizada na década de 1980 por se encaixar perfeitamente com a práxis, o que é de grande relevância, uma vez que é impossível se falar em arte sem uma produção artística e uma reflexão sobre essa produção. No entanto, tudo ocorrerá ao mesmo tempo, sem divisões, o fazer, contextualizar e visualizar acontecerão simultaneamente, numa espécie de fluxo, as testagens de cor e traço têm tanta importância quando o herói final que será criado, porque representam os caminhos percorridos, “[...] Estamos sempre diante de uma realidade em mobilidade. Isto nos permite falar, sob o ponto de vista do artista, em uma estética em criação. Para o crítico genético seria, segundo Tadié (1992), dentro dos limites da literatura, a poética dos rascunhos. De uma maneira mais ampla, falaríamos em estética do movimento criador.” (SALLES, 1998, p. 26) As imagens serão analisadas levando-se em conta elementos de heróis afro-brasileiros e indígenas que serão usados nas imagens feitas. Se apresentarão elementos imagéticos dessas culturas como cor, adereços, forma do traço, simbologia e traços estéticos. A partir das experimentações feitas esperamos refletir sobre o herói que não está no cinema, na TV e nas revistas em quadrinhos, mas que se mostra em cada adolescente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria das Vitórias Negreiros. **Os instantes da Abordagem Triangular na Arte/Educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

BNCC.2016.<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf> (Acessado em 06/10/2018)

BRITES & TESSLER. **O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre. Editora: Universidade UFRGS, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Tradução por Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **O Poder do Mito**. Tradução por Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Palas Athena, 1991.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. Tradução por Maria Lúcia Pinho. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2002.

LDB. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> (Acesso em 27/10/2018)

LEV(Laboratório de estudos da violência). **Histórico**. Disponível em: <http://lev.ufc.br/historico/>. (Acesso em:17/11/2018)

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Tradução por Antônio Marques Bessa. São Paulo: Editora Record, 2007.

PAIVA, Fabio. **Ceará ultrapassa mil assassinatos em 2018; número é 39% maior que no mesmo período do ano passado**. G1. Disponível em:< <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/ceara-ultrapassa-mil-assassinatos-em-2018-numero-e-39-maior-que-no-mesmo-periodo-do-ano-passado.ghtml>> (Acesso em 27/10/2018)

PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. - 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios/Os Urubus-Kaapor**. 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

SAFATLE, Vladimir. **Os espectros do tempo**. Folha de São Paulo/Online. Set/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2018/09/os-espectros-do-tempo.shtml>> (Acessado em 30/09/2018).

SALLES, Cecília. **Gesto inacabado, processo de criação artística**. São Paulo: ANNABLUME Editora. -1. Ed. 1998.

VELARDI, Marília. **Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa**. Paraíba: Revista Moringa, 2018.

